

# Violência armada no Burundi

## BUJUMBURA DURANTE E APÓS O CONFLITO

Utilizando o exemplo específico de Bujumbura, capital do Burundi, este capítulo lida com a questão da violência armada nas cidades e, em particular, nas capitais políticas, durante e depois da guerra. O capítulo mostra como as divisões étnicas, o legado deixado pelas armas de fogo e a violência residual que se seguiu a dez anos de guerra civil deixaram a capital Bujumbura muito atrás do resto do Burundi em termos de segurança. O capítulo discorre sobre uma pesquisa realizada pelo Small Arms Survey entre setembro de 2005 e junho de 2006 em parceria com a ONG de direitos humanos do Burundi Ligue Iteka.

O capítulo avalia como a guerra civil, que tomou conta do país entre 1993 e 2003, afetou seu maior centro urbano, Bujumbura. Depois de fornecer uma visão demográfica do Burundi, avalia os níveis de violência armada em Bujumbura e no resto do país procurando compreender quem comete os atos violentos e com quais objetivos. As principais conclusões são:

- Durante a Guerra, Bujumbura foi palco da violência armada entre vizinhos cada vez mais segregados, o que levou muitos residentes a deixar a cidade.
- Os ataques dos rebeldes a Bujumbura continuaram depois do cessar-fogo decretado em 2003 e passaram a ser usados como forma de assegurar seu poder.
- Apesar de ter havido uma melhora significativa da segurança no país a partir de 2003, em Bujumbura este progresso ocorreu de forma bem mais lenta do que nas outras regiões do país.
- As armas deixadas pelo conflito – principalmente granadas e fuzis – são as preferidas por aqueles que continuam a cometer atos violentos após o conflito, inclusive na capital.
- O processo de Desarmamento, Desmobilização e Reintegração (DDR) e as iniciativas de desarmamento civil produziram resultados confusos. Cerca de 100 mil armas pequenas e granadas ainda estão em circulação no país.



Crianças recebem tratamento médico no centro para vítimas de guerra coordenado pelo MSF. © Carl De Keyzer/Magnum Photos

- Os ex-combatentes, os poucos que decidiram permanecer em Bujumbura, geralmente não são identificados como fonte de insegurança pela população.
- A violência pós-conflito levou muitos residentes de Bujumbura a manter armas de fogo, como revólveres, dentro de casa para defesa pessoal.

A população urbana do Burundi está aumentando, apesar do seu ritmo de crescimento ser bem mais lento do que a média regional. Em termos de serviços disponíveis para a população, somente as cidades de Bujumbura e Gitega podem ser consideradas “urbanas”.

**A melhora da situação da segurança desde 2003 foi mais fraca em Bujumbura do que nas outras regiões.**

Bujumbura teve um papel importante durante a guerra, tendo sido alvo de ataques esporádicos e pequenas represálias, além de ter funcionado como local de recrutamento de combatentes por ambos os lados. As áreas periféricas da cidade, por sua vez, estavam constantemente sob risco de ataques de morteiros lançados das montanhas próximas. Os combatentes novatos eram rapidamente treinados e enviados para os campos de batalha fora da cidade.

Entretanto, Bujumbura nunca esteve sob um risco real de ser tomada pelos rebeldes. Uma das razões é que a cidade estava bem defendida pelo Exército e pela população, boa parte armada pelo próprio governo, formando a milícia de maioria tutsi, que ficou conhecida como Os Guardiães da Paz (Gardiens de la paix). Do outro lado, o grupo rebelde CNDD-FDD, de maioria hutu, formou sua própria milícia. Ambos os grupos recrutavam combatentes em Bujumbura, onde a segregação piorou dramaticamente durante a guerra. Poucos deslocados chegaram a retornar para suas regiões de origem. De modo geral, Bujumbura é hoje uma cidade mais dividida etnicamente do que antes da guerra.

No processo de paz estabelecido em 2001, os membros dos grupos rebeldes puderam escolher entre ser desmobilizados ou ser integrados ao Exército ou à polícia. As milícias foram dissolvidas. Relativamente poucas armas foram recolhidas em comparação com o número de indivíduos desmobilizados. Cerca de um terço das armas recolhidas pelo Exército estavam em péssimo estado e eram inúteis.

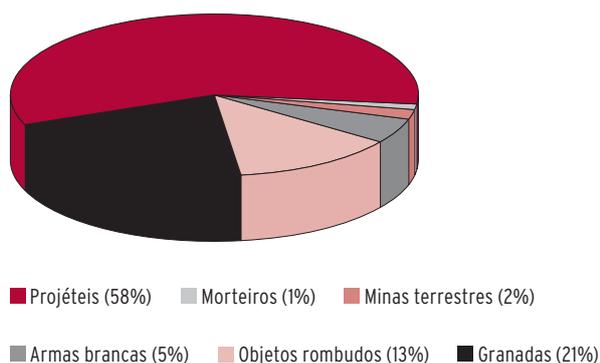
**Bujumbura é o local onde a posse de armas por civis é mais comum.**

Como já era esperado por causa da evolução de fatos positivos no Burundi desde 2003 – como o acordo de cessar-fogo, a desmobilização dos combatentes e a reforma das instituições do Estado –, várias fontes apontam para um relativo retorno da segurança no país no período de pós-conflito. Mas esta melhora geral só é estendida parcialmente para a capital Bujumbura-Mairie e a província Bujumbura Rural, que sofreram com o conflito até meados de 2006. Bujumbura-Mairie e Bujumbura Rural foram os locais onde as armas pequenas foram mais freqüentemente usadas. Grande parte dos que responderam a uma pesquisa domiciliar conduzida em 2005 afirmou que pelo menos um membro da família tinha sido vítima da violência recentemente.

Estima-se que cerca de 100 mil burundianos mantenham pelo menos uma arma de fogo em casa. E a capital é a província onde a posse de armas de mão (revólveres e pistolas) por civis é mais comum. Em outras províncias, onde a insegurança do pós-guerra é menos aguda, fuzis Kalashnikovs e granadas deixadas pelo conflito são as armas mais comuns.

O Burundi já deu os principais passos para permitir que suas instituições se recuperem e funcionem adequadamente. O governo adotou uma nova Constituição, realizou eleições pacíficas, reestruturou o Exército e a Polícia e completou as atividades do DDR. No entanto, o país ainda não saiu do período de transição e precisa, agora, lidar com a questão da violência residual. Se quiser restaurar a segurança na capital, o governo precisará criar estratégias que não só reconheçam as especificidades urbanas, mas também ajudem a remediar a herança deixada por um longo período de segregação étnica e desconfiança em Bujumbura. Medidas com o objetivo de conter a proliferação de armas precisam ser apoiadas por esforços maiores para consolidar os ganhos recentes com segurança e alcançar uma reconciliação duradoura. ■

**Figura 6.11 Ferimentos decorrentes da violência tratados no Centro de Ferimentos Leves (CBL, do francês Centre des Blessés Légers) por tipo de arma, 2004-05 (n=1,298)**



Fonte: Médicos Sem Fronteiras (MSF)/Bélgica (2001-05)